

EXPERIÊNCIAS DE ECLÉSIAS EM ATOS 16-28

Altina Marques e Jorge Negrão

Introdução

Muitas vezes notamos a extraordinária qualidade de vida que caracterizava a comunidade cristã descrita no livro de Atos. A harmonia de suas práticas comunitárias, a intensidade e o fervor de seus cultos de adoração, a valentia de seu testemunho diante das pressões, seu estilo de vida. As vezes somos tentados a idealizar este pequeno setor da história da Igreja a fim de fazermos deles nosso próprio estilo de vida. Por outro lado a Igreja primitiva também teve seus problemas. Era uma comunidade onde havia problema com os necessitados, pois surgiu a questão do repartir o pão, duros debates sobre a questão da cerimônia religiosa e sobre a atividade dos missionários. Questões que não foram superadas totalmente no decorrer da história. Contudo, isto não nos impede de ver a seriedade com que os primeiros cristãos consideravam a questão da vida comunitária.

Nesse artigo refletiremos à luz das comunidades paulinas registradas em Atos capítulo 16 a 28, algumas experiências e formas de ser Igreja que aparecem nas viagens de Paulo e que podem ser de grande valia para nossas comunidades locais. Resaltaremos quatro aspectos que nos parecem comuns e fundamentais, sem contudo esquecermos da diversidade ou das múltiplas formas que a experiência cristã assumiu ao longo de sua história.

1. Vivência comunitária

1.1. Primeiro retrato da comunidade

No livro dos Atos dos Apóstolos, o primeiro retrato da comunidade é de um grupo unido e orante (At 1,13-14). Fazem isso em conjunto, à espera do Espírito prometido por Jesus. Possuíam em comum as realidades espirituais, como: fé, batismo, esperança, vocação, etc, redundava na partilha dos bens materiais de modo que as barreiras das desigualdades sociais não existiam (At 4, 34).

A grande maioria dos que abraçavam a fé eram pessoas simples. Lucas relembra como algo extraordinário a conversão de um bom número de senhoras da alta sociedade (At 17,4). Mas certamente havia entre os cristãos pessoas ricas como foi a família de João Marcos, proprietários de uma casa onde cabia “muita gente” (At 12,13) e tinham empregados. O certo é que os ricos nos primórdios da comunidade não criavam nenhum embaraço em seu seio.

O pecado contra o Espírito Santo era o pecado contra a comunidade, pois a comunidade era o templo onde o Espírito habitava. Foi o que aconteceu com Ananias e

Safira, os primeiros a tentar enganar a comunidade (At 5,1-11). Deixando-se levar pelo Tentador, cometeram o diabólico ato de mentir para a comunidade, o que equívale a mentir para o próprio Espírito Santo.

A comunhão com seus pastores e líderes aparece também nestes capítulos (do Capítulo 16 ao 28), principalmente na maneira fraterna com que eram acolhidos e nas horas da dura perseguição. Paulo é socorrido pelos irmãos em várias oportunidades (At 9,23-25; 14, 20; 23,16).

Transparece ainda nos textos a forma cordial e a hospitalidade para com os servidores do Evangelho. Quer nas casas de família (At 9,43; 16,15; 16,34; 18,3; 21,8), quer na comunidade como um todo (At 18,27; 28,14), os agentes da Boa Nova eram sempre bem acolhidos. Essa prestação de serviços feita de forma anônima e humilde dava suporte para que a comunidade prosseguisse na obra de evangelização.

Para ajudar nossa compreensão é preciso definir alguns termos, tais como “comunhão”, “comunidade”, “vida comunitária”, etc. No Novo Testamento, o termo mais expressivo para descrever esta vida comum do Corpo de Cristo é o vocábulo *koinonia*. Este termo, junto com suas derivações aparece cerca de cinqüenta vezes no NT e significa basicamente “aquilo que se tem em comum”. Destas cinqüenta vezes em que aparece, aproximadamente metade se refere à partilha dos bens espirituais, a outra metade aos materiais. Isto nos ajuda a clarear nossa compreensão do significado de “comunidade” em seu sentido neotestamentário. Significa compartilhar uma vida em comum em todos os níveis da existência e experiência: espiritual, social, intelectual, econômico, etc. Não ficando nenhuma área de nossa vida excluída.

Koinonia significa participar de algo do qual também outros participam; é compartilhar com os outros de forma consciente algo que se tem em comum. Trata-se de uma vida fundamentada conscientemente em uma posse comum: Cristo e seu Espírito. A verdadeira comunidade cristã foi criada e sustentada por uma fé comum, uma vida comum em Cristo, um compromisso de obediência comum a Cristo como Senhor, em uma participação comum no Espírito. A força e a qualidade de uma vida comunitária dependia diretamente da intensidade e da integridade destes fundamentos.

2. A “casa” como lugar onde a comunidade se reúne

Este conceito, ao longo da história, foi se diluindo por causa da imposição da grande Igreja. Hoje se está recuperando uma prática tão antiga quanto o próprio cristianismo.

Foi numa casa, “cenáculo”, que Jesus instituiu a ceia (Lc 22,12), apareceu ali no domingo de Páscoa (Jo 20,19-26), e possivelmente foi também ali que o Espírito Santo desceu sobre a comunidade reunida.

Conhecemos a casa de Jasão em Tessalônica (At 17,7), a casa de Justo em Corinto (At 18,7), a casa de Ninfas em Laodicéia, a de Priscila e Áquila em várias cidades, além de muitas outras.

A “Igreja da casa” é um conceito amplo que não se confunde com a casa ou família. De fato numa casa reuniam-se várias famílias vizinhas, constituindo-se em verdadeira Igreja. Os que as uniam não eram os laços naturais de família mas sim a convocação de Jesus.

Essas Igrejas da casa eram depositárias de toda a eclesialidade. Ali certamente celebrava-se o batismo e a eucaristia. Mas era principalmente a partilha que caracterizava essas reuniões do Senhor. Enfim, é na casa onde se dava a formação dos cristãos.

Para o modelo de evangelização paulino, centrado nas grandes cidades, a casa era um espaço essencial, como volta a ser nos dias de hoje. Naturalmente não temos mais a grande família, reunindo todos os parentes, mas o modelo baseado nos círculos de amigos favorece uma reaproximação ao conceito bíblico de casa. As pessoas hoje, como antes, são carentes de afeto de outras pessoas, e só as relações humanas próximas, imediatas, podem satisfazer essa necessidade.

O espaço do templo e da paróquia, mais rural, foi certamente uma evolução posterior da história. A fidelidade à intenção dos apóstolos e do próprio Jesus nos convida a recuperar o conceito de casa como lar e como Igreja.

2.1. A Casa em Lucas

Na obra de Lucas, constam as casas e o templo. Estes não se opõem, visto ser o Templo “a casa de meu pai” (Lc 2,49). Mas o Templo é transitório, pois a comunidade se faz presente nas casas.

Já o anúncio a Maria (Lc 1,26-28) se dá numa casa, enquanto o de Zacarias (Lc 1,5-25) aconteceu no templo. Zacarias, o homem sacerdote no Templo, representa antiga economia. Maria a mulher na casa, representa a nova economia de salvação.

É numa casa que se dá o Pentecostes, quando “veio do céu um ruído como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa” (At 2,2).

Os atos comunitários se davam no mesmo espaço, pois os cristãos “partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46).

Paulo quando ainda perseguia os cristãos, sabia muito bem onde encontrá-los, pois nos diz o texto: “Saulo devastava a Igreja entrando nas casas; e arrastando homens e mulheres, os entregava a prisão” (At 8,3). Em Filipos, Paulo foi acolhido na casa de Lídia e depois na casa do carcereiro (At 16,15.31.34).

2.2. A Igreja da casa, nos escritos paulinos

É principalmente nos escritos paulinos que o conceito igreja da casa torna-se mais explícito.

O casal Priscila e Áquila, muito bem conhecido no livro de Atos, teve participação essencial nas missões. Sua casa serviu para fundar Igrejas em Corinto, Éfeso, Roma. Assim que Paulo escreve, em Rm 16,3-5: “Saudai Priscila e Áquila, meus cola-

boradores em Cristo Jesus, que, para salvarem minha vida, expuseram a cabeça. Não somente eu lhes sou agradecido, mas todas as Igrejas das nações. Saudai também a Igreja da sua casa”.

Paulo continua ligado à Igreja desse casal em Éfeso, de onde escreve: “Também vos enviam muitas saudações no Senhor Áquila e Priscila com a Igreja de sua casa” (1Cor 16,19).

Igualmente a Filêmon ele escreve saudando a “Igreja da casa” (Fm 2).

Outro texto significativo é o de Cl 4,15: “saudai os irmãos de Laudicéia como também Ninfas e a Igreja de sua casa”. Além de ser outro exemplo de Igreja da casa, há aqui um possível caso de mulheres dirigindo uma dessas comunidades. Embora os manuscritos hesitem em fazer de Ninfa um nome masculino ou feminino, nada impede que nessa época mulheres liderassem as Igrejas, como é o caso de Priscila, Febe, Lídia, Júnica e outras.

3. Autoridade e a vida comunitária

3.1. Variedade de ministérios como princípio democrático

No NT, a experiência das primeiras comunidades nos revela que a Igreja concebia a sua organização como uma comunhão de igrejas, mais ou menos autônomas, sem uma instância central de comando e controle. O ministério de Pedro, reconhecido como chefe dos Doze, aparece muito mais como ministério de articulação, que ele exerce ouvindo os fatos através dos quais o Espírito se manifesta (At 11,1-17). Pedro não exerce seu ministério como alguém que possui a verdade (para ensinar), a luz (para guiar) e o poder (para comandar), mas como quem busca descobrir nos fatos e nas comunidades o Espírito de Jesus, o Cristo Ressuscitado, como aquele que orienta a Igreja (At 11,15-17).

Havia também o ministério da articulação de comunidades locais como é o caso de Paulo, que, além de apóstolo (missionário fundador e animador de comunidades), articulava as igrejas por ele fundadas na Ásia Menor.

Além disso, em cada comunidade, havia o ministério de direção e muitos outros ministérios, que não eram os mesmos em toda parte, pois iam sendo criados de acordo com a índole (judaica ou helenística) e as necessidades de cada igreja;

A experiência da comunidade apostólica não pode se tornar normativa para nós, na forma concreta que ela assumiu historicamente, mas aponta princípios que se fazem presentes em todas as comunidades, como:

- a) uma variedade de ministérios;
- b) os ministérios eram criados pelas comunidades segundo suas necessidades e características;
- c) o princípio comunitário era o serviço aos irmãos na fé e ao mundo em nome de Jesus, e não instrumento de domínio sobre a comunidade;

Na Eclésia, “os ministérios” são o que o termo significa literalmente, isto é, serviço prestado à comunidade e não um cargo que represente honra ou prestígio.

Se alguém exercia um cargo ou ofício, era porque o próprio Espírito Santo, que dirigia a vida da Igreja, lá o colocara (At 20,28).

3.2. O líder nas comunidades paulinas

Nas comunidades primitivas, em particular nas comunidades paulinas, a autoridade encarnava o modelo participativo, descentralizador, que promovia a responsabilidade. Nada era resolvido sem a comunidade, pois ela sabia muito bem o que precisava. Foi assim que surgiram os novos ministérios além daqueles já instituídos por Jesus, segundo as necessidades constatadas pelo grupo. Os candidatos à Igreja na “casa”, no cristianismo primitivo, eram apontados e acolhidos por todos. Razão porque o Novo Testamento evita os termos “ordenar”, “mandar”, e prefere os verbos “consolar”, “exortar”, dar um recado. Assim, a função da autoridade, no grupo cristão, é encorajar, estimular, animar, à imitação do papel que cabe ao Espírito, o Consolador da Eclésia/Igreja. É isto que faziam os apóstolos nas suas visitas às comunidades, é isso que fazia Paulo, como se vê em At 11,23; 13,43; 14,21s; 15,41; 18,23.

3.3. Paulo, o modelo de liderança

Ao abrirmos a leitura do Capítulo 16 de Atos, lemos: “... todos os irmãos que moravam em Listra e Icônio falavam bem de Timóteo” (a Bíblia na Linguagem de Hoje).

Em outras traduções lemos: “...davam bom testemunho de Timóteo”.

Parece que o pré-requisito para uma boa liderança era o testemunho dos irmãos a respeito de alguém. Bom testemunho que não implicava apenas em questões morais, mas em toda uma história de vida na comunidade local.

Paulo é traçado por Lucas como modelo de liderança. O retrato de Paulo é o de um homem com poderes extraordinários (At 20,4), unido a Pedro e aos Doze (At 9,26-29), que age sempre por delegação da comunidade (At 13,3), trabalhando para seu próprio sustento (At 18,3). A preocupação de Lucas é demonstrar para sua época as qualidades de um missionário e de um pastor. Ele põe na boca de Paulo um discurso em que este retrato aparece de modo mais evidente (At 20,17-38): O verdadeiro missionário é aquele que se põe a serviço do Senhor, testemunhando a Palavra, anunciando o Evangelho (At 20,19-20). Nesta missão enfrenta todas as ameaças e dificuldades (At 20,24). Deve buscar o bem da comunidade e não considerá-la como propriedade sua (At 20,28), ajudando-a a enfrentar os perigos externos bem como as divisões internas (At 20,29-30). Não ser um peso para a comunidade, mas trabalhar com as próprias mãos (At 20,35). Todos devem buscar forças para o exercício desta missão na oração em comum (At 20,36).

4. Comunidade missionária

4.1. “Até aos confins da terra”

As comunidades dos Atos não estavam fechadas sobre si mesmas. Havia permanente contato entre elas, por meio de cartas e pregadores itinerantes. Paulo e seus companheiros percorriam as igrejas “para ver como estavam” (At 15,36) e as confirmavam na fé (At 15,41).

Os primeiros cristãos estavam cômicos que o Evangelho deveria ser pregado até os confins da terra (At 1,8). “E a Palavra de Deus crescia e se multiplicava” (At 6,7; 12,24; 19,20). A vitalidade da Igreja se manifestava no surgimento de novas vocações para o ministério. Timóteo é um exemplo disso (At 16,2), mas não fica em sua cidade, torna-se missionário itinerante. Paulo se preocupa em organizar uma coleta, que vai simbolizar a gratidão das Igrejas da diáspora para com a Igreja-Mãe de Jerusalém (At 24,17), que passava por dificuldades; este seria o verdadeiro sinal da união entre elas.

4.2. A difícil missão da inculturação

Os obstáculos que a pregação do Evangelho encontrou nos primeiros tempos não foram poucos: a resistência de muitos judeus a uma interpretação da Lei de Deus, que parecia abalar a Antiga Aliança e deformar a Lei; o ceticismo de muitos pagãos, para os quais o mundo divino não conhecia nenhuma compaixão para com os seres humanos; uma sociedade profundamente desigual e dominadora, que hostilizava toda a tentativa de mudança mais profunda e tolerava a busca intimista do prazer e qualquer vício individual, desde que não pusesse em discussão as estruturas da dominação; o desconhecimento da fraternidade e da solidariedade entre homens e mulheres, cuja dignidade era pisada pela escravidão, a prostituição, o abandono das crianças e dos idosos, o desprezo pelos pobres e fracos... tudo isso sem esquecer alguns obstáculos internos da comunidade.

Além do mais, a mensagem cristã devia – deixando a Palestina e tomando o caminho do Ocidente – ser traduzido em uma nova língua e formulada para uma nova cultura, a dos gregos e do helenismo, ser submetida a uma nova ordem social e política, a dos romanos; ser confrontada com centenas ou milhares de experiências religiosas diversas, que pouco ou nada tinham em comum com a religião dos cristãos.

O Livro dos Atos nos mostra que as diferentes barreiras culturais foram sendo vencidas, não sem muita resistência de grupos mais conservadores. A Palavra, no seu caminho, rompeu barreiras culturais enormes. Primeiro rompeu a barreira entre os judeus e samaritanos (At 8,5-8.25). Em seguida, um negro escravo, eunuco a serviço da rainha da Etiópia, é evangelizado e batizado (At 8,26-40). Graças a este escravo foram superados barreiras de povos (ele é etíope), de raças (ele é negro), de preceitos legais (ele é eunuco) e de classes sociais (ele é escravo). O Evangelho chegou primeiro à África Negra pela evangelização de um empregado.

Outros exemplos nos são transmitidos por Paulo no Areópago de Atenas fazendo sua pregação a partir de textos da tortura (At 17,28). No entanto, quando está em questão a vida e a liberdade humana, o Evangelho não pode deixar de denunciar o erro e o desvio de uma cultura. Paulo e Barnabé não se deixam aclamar como deuses (At 14,11-13). Paulo não permite que a jovem escrava seja explorada pelos patrões (At 16,16) e não aceita as imposições dos ourives de Éfeso.

4.3. Um único projeto: O Reino de Deus

A Igreja é a reunião de todos que saíram das trevas e aceitaram o evangelho do Reino de Deus com fé salvadora; é a assembléia dos que participam das bênçãos que o Reino de Deus proporciona. Todo o esforço missionário descrito até aqui, foi sustentado pela força do Espírito Santo e pelo desejo das primeiras comunidades pelo estabelecimento do Reino de Deus entre os homens.

As comunidades locais descritas em Atos 16 a 28, eram como que “guerrilhas do Reino”, pois confessavam o Senhorio de Cristo e diziam aprender com Ele.

Haviam tomado sobre si a missão de proclamar o Reino, tornando-se assim a luz do mundo e o sal da terra. A Igreja é, ela mesma, a comunidade que esperava a vinda do Senhor, mas que, enquanto durava a espera sabia que tinha de negociar os talentos recebidos, e os utilizava para anunciar o Reino. De todas as formas se sente orientada pela renovação do Espírito e pelo progresso do Reino e o aguardava em sua glória

Conclusão

Ao terminar este estudo, ficaria a pergunta: É possível realizar este ideal? Revisitar essas experiências?

Hoje não se procura repetir um passado, mas se busca na reflexão sobre ele uma saída para os questionamentos do presente e uma orientação para continuar a caminhada. O povo da Bíblia também gostava de fazer essa releitura dos acontecimentos vividos; buscava na história um sentido para sua vida; celebrava os grandes feitos de Deus no passado para se conscientizar do dever de assumir seu papel na história e manter viva a esperança de dias melhores.

O Espírito Santo está em ação e o Cristo ressuscitado está vivo no meio de nós, do mesmo modo que na Igreja Primitiva e nos ajuda a enfrentar os desafios e a descobrir soluções para responder às novas exigências da práxis libertadora.

Altina Marques e Jorge Negrão
e-mail: Altina_marques@hotmail.com

Bibliografia

ARAÚJO, Luiz Carlos. *Profecia e poder na Igreja: reflexões para debates*. São Paulo: Paulinas, 1986.

- BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo. Ecclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O projeto “ser Igreja no novo milênio”: Olhando para frente*. Brasília, setembro de 2000.
- COTHENET, E. *São Paulo e o seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Cadernos Bíblicos).
- DIOCESE DE SANTARÉM. *Estudos das cartas de São Paulo: Projeto de Deus 4*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- DRIVER, Juan. *Comunidad y compromiso: Estudios sobre la renovación de la Iglesia*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Certeza, 1974.
- DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. (Tomo VIII, série III: A libertação na história).
- GRAU, José. *El Reino de Dios: su naturaleza*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Certeza, 1972.
- HOEFELMANN, Verner. A missão de Jesus e a missão da comunidade no evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, nº 1, p. 71-98, 1988.
- MARSSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- PUBLICAÇÕES CRB/1995. *Viver e anunciar a tua palavra: As primeiras comunidades*. Coleção tua palavra é vida – 6. São Paulo: CRB/Ed.Loyola. 1995.
- RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção: Estudos Bíblicos).
- SCHWARZ, Christian A. *Mudança de paradigma na Igreja: como o desenvolvimento natural da Igreja pode transformar o pensamento teológico*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2001.
- VIDIGAL, José Raimundo. Comunidades Eclesiais nos Atos dos Apóstolos e no Brasil hoje. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, nº 3, p. 68-75, 1985.